

AFYA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA PARAÍBA

Alice Carneiro Barbosa Mendonça Limeira De Aça Belchior

Geovana Pinto Campos

João Henrique Barreira Dummar Antero

Maria Cecilia Alencar de Amorim

POBREZA MENSTRUAL COMO FATOR DE RISCO PARA DESEMPENHO ESCOLAR INSUFICIENTE: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

CABEDELO- PB

2022

Alice Carneiro Barbosa Mendonça Limeira De Aça Belchior

Geovana Pinto Campos

João Henrique Barreira Dummar Antero

Maria Cecília Alencar de Amorim

**POBREZA MENSTRUAL COMO FATOR DE RISCO PARA DESEMPENHO
ESCOLAR INSUFICIENTE: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA**

Trabalho Científico do Curso apresentado à Afya
Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, como
requisito parcial à graduação no curso de
Medicina

CABEDELO- PB

2022

POBREZA MENSTRUAL COMO FATOR DE RISCO PARA DESEMPENHO ESCOLAR INSUFICIENTE: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

Alice Carneiro Barbosa Mendonça Limeira De Aça Belchior, Geovana Pinto Campos, João Henrique Barreira Dummar Antero, Maria Cecília Alencar de Amorim.

RESUMO

OBJETIVO: Analisar a produção científica sobre pobreza menstrual em adolescentes e sua relação com o desempenho escolar. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura realizada na BVS no banco de dados MEDLINE, sendo utilizados como critérios de inclusão: o recorte temporal de 2016 à 2021; texto completo disponível em inglês utilizando a seguinte estratégia de busca “Adolescentes”, AND, “Pobreza” AND “Menstruação”. **RESULTADOS:** Foram encontrados 20 artigos, aos quais, todos foram selecionados para o corpus final que, apresentou (2) eixos temáticos: (I) Ausência de conhecimento menstrual nas adolescentes que predispõem às alterações psicossociais com piores desfechos escolares e (II) A influência da pobreza menstrual no absentismo escolar. Ademais, foi utilizado além da BVS, artigos encontrados no Google Acadêmico que complementavam a resposta para a questão apresentada. A ausência de conhecimento menstrual como a falta da educação sexual devido à pobreza pode predispor jovens mulheres ao afastamento das escolas. Ademais, os baixos níveis de higiene provocam grandes riscos para a saúde uma vez que as mulheres precisam buscar alternativas para lidarem com a situação, chegando a usar tecidos e jornais para suprir a falta de recursos menstruais básicos. **CONCLUSÃO:** A pobreza menstrual em adolescentes está associada a maiores índices de carência escolar quando comparados às meninas de classe social superior, sendo necessário maior produção científica com o objetivo de avaliar os riscos dessa realidade para a população em questão e estímulo ao acesso a recursos, infraestrutura e conhecimento para minimizar tais riscos, frutos da desigualdade social.

Palavras-Chave: Adolescentes; Pobreza; Menstruação.

INTRODUÇÃO

A menstruação é um processo natural, social, psicológico, religioso e faz parte do ciclo reprodutivo feminino. Tal acontecimento mensal é influenciado pela cultura e desenvolvimento do país, o que faz com que, em grande parte do mundo, o ciclo menstrual seja um tabu, no que tange à aquisição de práticas de higiene menstrual de qualidade. (1)

O desconhecimento sobre o cuidado da saúde menstrual pode afetar mesmo as pessoas que não estão em situação de pobreza. Elas podem enfrentar a falta de produtos para a adequada higiene menstrual por considerarmos o absorvente como um produto supérfluo ou ainda porque, em geral, meninas de 10 a 19 anos não decidem sobre a alocação do orçamento da família, sobrando pouca ou nenhuma renda para ser utilizada na compra de produtos e insumos que ajudem a garantir a dignidade menstrual. (3)

Então a pobreza menstrual é um conceito que define o complexo, vivenciado por mulheres devido à falta de acesso a recursos, infraestrutura e conhecimento para que tenham plena capacidade de cuidar da sua menstruação. (2)

Tamanha precariedade impede as pessoas que menstruam de passarem por seus períodos de menstruação de maneira digna. O elevado custo de absorventes descartáveis, por exemplo, leva mulheres a recorrerem a métodos inseguros para conter a menstruação. A utilização de papéis, jornais, trapos, sacolas plásticas, meias, miolos de pão ou a reutilização de absorventes descartáveis coloca a saúde física dessas pessoas em risco. (8)

A pobreza menstrual afeta a saúde física e psíquica de inúmeras pessoas, faz perdurar a desigualdade entre homens e mulheres. Por não conseguirem controlar a menstruação, meninas deixam de ir à escola, o que evidentemente prejudica seu desempenho escolar. Segundo estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU), 10% das meninas perdem aula quando estão menstruadas (4). Além disso, evidencia a falta de saneamento básico e de acesso à água tratada, assim como a carência referente a itens de higiene pessoal.

Há uma triste constatação de negligência por parte das autoridades para garantia mínima da dignidade feminina. Por mais que o debate de doação de absorventes esteja ativo pela votação da PL N.º 4.968/2019 (em tramitação), está a cargo de programas Municipais e Estaduais a entrega de absorventes. É urgente a realização de investimentos em infraestrutura, educação e acesso aos produtos de higiene menstrual. (11)

A partir desse panorama e o exercício reflexivo de olhar as questões de saúde através do campo social, motivou-se para a realização do presente estudo analisar a produção científica sobre a pobreza menstrual em adolescentes e sua relação com o desempenho escolar.

MÉTODOS

Este estudo é uma revisão de literatura narrativa baseada em artigos publicados na literatura até 2021. A pergunta da pesquisa foi elaborada através da estratégia PICO (SANTOS CMC, et al, 2007). Segundo Santos et al. (2007), a PICO apresenta um acrônimo para Paciente, Intervenção, Comparação e “Outcomes” (desfecho), sendo esta: ‘Há evidências de que a pobreza menstrual aumenta o risco de carência escolar?’

A busca de artigos foi realizada na da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Análise de Literatura Médica (MEDLINE), utilizando a estratégia de busca “Adolescente” AND “Pobreza” AND “Menstruação”. Além de outros dados coletados através de artigos publicados no Google Scholar que respondiam a pergunta norteadora.

Como critério de inclusão foram selecionados 15 artigos da BVS com texto completo disponível no idioma inglês, no espaço temporal de 2016 a 2021 e 5 artigos no World Scholar: Latin America & The Caribbean (GALE), utilizando as palavras chaves: “Adolescentes”, “Pobreza” e “Menstruação” com recorte temporal de 2016. Foram excluídos os artigos em outros idiomas, artigos duplicados e artigos que não respondiam à questão norteadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pobreza menstrual se refere à falta de materiais básicos de higiene como banheiros, absorventes e materiais para a limpeza íntima. Contudo, ela também se refere à escassez de conhecimento sobre o corpo feminino ou ao ciclo menstrual. (7) A falta de conhecimento sobre o corpo feminino, pode causar diversos problemas futuros, como doenças ginecológicas e evasão escolar. As jovens em idade estudantil optam muitas vezes, por ficar em casa quando veem o quão hostil é o ambiente escolar durante o período menstrual. (12)

Como na faixa etária da adolescência, o corpo ainda está em fase de crescimento o ciclo menstrual costuma ser irregular e com fluxo inconstante, o que pode gerar escapes sanguíneos inesperados, manchando a roupa e as tornando alvos de brincadeiras e preconceitos. (5)

Um estudo realizado pela UNICEF no Sul da Ásia, demonstrou que uma em cada três meninas não possuem conhecimento sobre a menstruação antes do primeiro ciclo. Muitas vezes as jovens consideram a menstruação como uma doença, fraqueza vergonhosa e suja. (13)

A pobreza menstrual afeta desde países com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) até países com maiores índices, isto vem a ocorrer pelo fato de a desigualdade social estar presente em todo o mundo. Países ricos como Estados Unidos ou da União Europeia também são afetados, entretanto países mais pobres tendem a sofrer mais com a pobreza menstrual, causando maiores impactos e elevando os índices de evasão escolar. (9)

Estudos realizados na zona rural do Quênia, apontam que o período menstrual, em meninas entre 10 e 14 anos, que não possuem acesso a itens de higiene, reduz significante a continuidade acadêmica destas jovens. (14)

Mulheres de países de baixa e média renda que não possuem acesso a itens de higiene menstrual acabam recorrendo ao uso de materiais inadequados, como lama, folhas ou peles de animais para tentar conter o fluxo menstrual. Infraestrutura adequada e higiênica como água para lavagem, sabão e banheiros seguros, privados e acessíveis raramente está disponível nesses locais. (10)

A soma da falta da infraestrutura adequada com a vergonha e o medo de expor sua menstruação, significa que muitas adolescentes acabam não frequentando a escola durante o seu ciclo menstrual ou até abandonando o ambiente escolar de maneira definitiva, perdendo 25% de suas oportunidades educacionais, e acarretando um déficit educacional maior em mulheres. (6)

As meninas da América Latina são bastante afetadas pela pobreza menstrual. No Brasil uma em cada quatro mulheres não têm acesso a itens de higiene menstrual durante o ciclo, além disso, também existem problemas relacionados à falta de acesso a banheiros ou água encanada,

algumas iniciativas foram tomadas no país como campanhas de doação de absorventes e programas de governo de auxiliam o acesso aos itens de higiene, porém, ainda não existem resultados sobre o impacto destas políticas públicas. (15)

Outra questão que contribui para a situação de pobreza menstrual, é a falta de acesso a medicamentos para as dores derivadas do período menstrual. Estima-se que entre 70 e 90% das mulheres sofrem de cólica menstruais, cuja intensidade varia de corpo para corpo. A dismenorreia primária, popularmente conhecida como cólica menstrual inicia-se tipicamente na adolescência, e essas jovens podem passar todo o período escolar, de anos finais de Ensino Fundamental e Ensino Médio, sofrendo com dores. (16)

Assim, não bastaria a mera distribuição de absorventes ou remédios à população feminina para desenvolver uma circunstância adequada de vivência da menstruação, eis que a pobreza menstrual tem ramificações muito mais complexas, que afetam não somente no que tange ao acesso de produtos apropriados para a higiene e controle da dor, como também se tratam da manutenção do saneamento básico, da estrutura de banheiros, dos serviços médicos, dos medicamentos, do acesso à informação, dentre tantos outros. (17)

Na luta contra essa circunstância e com o intuito de ampliar o acesso a itens de higiene menstrual, a Escócia foi pioneira em trazer um plano nacional que visa a dignidade menstrual. Já na Inglaterra também foram implantadas medidas que visam ampliar o acesso a itens de higiene como a redução de impostos nestes produtos. Nos Estados Unidos existem políticas apenas de nível regional em poucos estados. (13)

No Brasil o Movimento pela Higiene Menstrual vem ganhando força por meio dos grupos de mulher e empresas de absorventes apoiadoras, caso do grupo Girl Up Brasil, apoiado pela empresa Herself, que promoveu estudo sobre a pobreza menstrual no País, intitulado “Livre para Menstruar: pobreza menstrual e educação das meninas” (2021). A pesquisa traz dados que revelam a situação da pobreza menstrual no Brasil, como tal, causa a evasão escolar de milhares de meninas sem acesso aos manejos da higiene menstrual. A UNICEF, também, junta à luta formulando o relatório sobre a “Pobreza Menstrual no Brasil: Desigualdade e Violações de Direitos”, que informa como é a vivência da menstruação, na escola e em casa, para milhares de meninas brasileiras. (18)

O sigilo em torno da menstruação também alimentou tabus, que são transmitidos por gerações. Profissionais de saúde estão perfeitamente posicionados para combater os estigmas em torno da menstruação. Os pais e familiares devem ser educados sobre suas tradições e culturas, que em muitos casos não enfrentam a menstruação como algo natural e fisiológico. (16)

Os esforços são crescentes em todo o mundo para capacitar, educar e engajar líderes de países, comunidades, famílias e meninas adolescentes sobre a menstruação, e destacar o direito das mulheres de gerenciar historicamente seus períodos. (19)

Enormes avanços foram feitos na saúde global da criança e do adolescente, na saúde materna e nos direitos das mulheres. No entanto, as necessidades das 300 milhões de mulheres e meninas menstruadas permanecem sem atitudes definitivas para lidar com esse problema, simplesmente porque muitas estão envergonhadas para discutir sobre a real situação que enfrentam no ciclo menstrual. (18)

É possível salientar que as populações que habitam as partes mais precárias do globo, principalmente o continente Africano e a Ásia, são fontes firmes de que medidas devem ser adotadas em caráter de urgência, como incentivar as meninas a abolir o silêncio absurdo sobre seu ciclo e a vergonha que encobre este evento biológico natural. (20)

CONCLUSÃO

A pobreza menstrual na faixa etária das adolescentes está, então, visivelmente associada a índices mais altos de carência escolar e até mesmo problemas de saúde num todo quando em comparação com jovens de classe social superior. Já não bastando o problema claro com relação a meninas de outras realidades sociais, essa questão ainda se torna um fomento à desigualdade de gênero uma vez que os números de faltas por falta de acesso a produtos de higiene no período menstrual se encontra nos milhões e, como dito previamente, existe uma vergonha indébita em torno da menstruação que impossibilita grande parcela das jovens a falar sobre o tópico, vergonha esta influenciada em sua grande parte por tabus antigos envolvidos em torno de um sigilo e falta de aparato em se discutir tal problemática nas escolas, famílias e outros conglomerados sociais.

Com isso, fica evidente a necessidade de um maior incentivo à produção científica com o objetivo de que se haja uma avaliação dos riscos dessa realidade para a população em questão juntamente de um estímulo ao acesso a recursos, infraestrutura e conhecimento com o intuito de que seja possível uma minimização de todos os riscos citados, frutos da desigualdade social.

REFERÊNCIAS

1. SOEIRO, R. E. et al. Period poverty: menstrual health hygiene issues among adolescent and young Venezuelan migrant women at the northwestern border of Brazil. **Reprod Health**, p. 238–238, 2021.
2. MUNRO, A. K. et al. A systematic review of the menstrual experiences of university students and the impacts on their education: A global perspective. **PLOS ONE**, v. 16, n. 9, p. e0257333, 10 set. 2021.

3. OLOWOJESIKU, R. et al. Menstrual experience of adolescents in the USA: protocol for a scoping review. **BMJ Open**, p. e040511–e040511, 2021.
4. WALL, L. L. Period Poverty in Public Schools: A Neglected Issue in Adolescent Health. **J Adolesc Health**, p. 315–316, 2020.
5. RILEY, A. H. et al. Results from a literature review of menstruation-related restrictions in the United States and Canada. **Sex Reprod Healthc**, p. 100537–100537, 2020.
6. CHATTERJEE, P. Improving menstrual hygiene among adolescent girls in India. **Lancet Child Adolesc Health**, p. 422–423, 2020.
7. MCCAMMON, E. et al. Exploring young women's menstruation-related challenges in Uttar Pradesh, India, using the socio-ecological framework. **Sex Reprod Health Matters**, p. 1749342–1749342, 2020.
8. COUSINS, S. Rethinking period poverty. **Lancet**, p. 857–858, 2020.
9. CHATTOPADHYAY, A. et al. WASH practices and its association with nutritional status of adolescent girls in poverty pockets of eastern India. **BMC Womens Health**, p. 89–89, 2019.
10. COAST, E.; LATTOF, S. R.; STRONG, J. Puberty and menstruation knowledge among young adolescents in low- and middle-income countries: a scoping review. **Int J Public Health**, p. 293–304, 2019.
11. SEBERT KUHLMANN, A. et al. Unmet Menstrual Hygiene Needs Among Low-Income Women. **Obstet Gynecol**, p. 238–244, 2019.
12. WALL, L. L. et al. Tending the “monthly flower:” a qualitative study of menstrual beliefs in Tigray, Ethiopia.. **BMC Womens Health**, p. 183–183, 2018.
13. HEALTH, T. L. C. A. Normalising menstruation, empowering girls. **Lancet Child Adolesc Health**, p. 379–379, 2018.
14. MIIRO, G. et al. Menstrual health and school absenteeism among adolescent girls in Uganda (MENISCUS): a feasibility study. **BMC Womens Health**, p. 4–4, 2018.
15. GIROD, C. et al. Physical, Social, and Political Inequities Constraining Girls' Menstrual Management at Schools in Informal Settlements of Nairobi, Kenya. **J Urban Health**, p. 835–846, 2017.
16. PRADO, L.; MOREIRA, A. **Pobreza Menstrual no Brasil Diagnóstico e Alternativas**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31809/Artigo%20Luisa%20-%20Pobreza%20Menstrual.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 out. 2022.
17. COELHO DE AZEVEDO BUSSINGUER, E.; LIMA E SALVADOR, R. O impacto da pobreza menstrual e da desinformação na dignidade da pessoa humana e no direito à saúde das mulheres no Brasil. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 8, n. 1, p. 49, 29 ago. 2022.
18. DE ALMEIDA BEZERRA, B. et al. **POBREZA MENSTRUAL: EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL MENSTRUAL POVERTY: EXPRESSION OF THE SOCIAL ISSUE**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://facunicamps.edu.br/cms/upload/repositorio_documentos/113.%20Pobreza%20Menstrual%20expresao%20da%20questao%20social.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

19. FERREIRA DA SILVA, J. et al. **A POBREZA MENSTRUAL COMO FATOR DE VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS: UM OLHAR PARA ADOLESCENTES EM AMBIENTE ESCOLAR PERIOD POVERTY AS A FACTOR IN VIOLATION OF HUMAN RIGHTS: A LOOK AT TEENAGERS IN SCHOOL ENVIRONMENT.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/22714/1/A%20POBREZA%20MENSTRUAL%20COMO%20FATOR%20DE%20VIOLA%C3%87%C3%83O%20DE%20DIREITOS%20HUMANOS%20-%20UM%20OLHAR%20PARA%20ADOLESCENTES%20EM%20AMBIENTE%20ESCOLAR%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2022.
20. RAMOS, A.; MARIOTTI, F.; BONZANINI, T. **DISCUSSÕES SOBRE POBREZA MENSTRUAL EM SALA DE AULA: UTILIZANDO A CIÊNCIA CONTRA A DESINFORMAÇÃO.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2021/TRABALHO_EV163_MD3_SA108_ID1817_26102021115012.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.
21. RANI, A.; SHARMA, M. K.; SINGH, A. Practices and perceptions of adolescent girls regarding the impact of dysmenorrhea on their routine life: a comparative study in the urban, rural, and slum areas of Chandigarh. **Int J Adolesc Med Health**, p. 3–9, 2016.
22. SECOR-TURNER, M.; SCHMITZ, K.; BENSON, K. Adolescent Experience of Menstruation in Rural Kenya. **Nurs Res**, p. 301–5, 2016.
23. MONTGOMERY, P. et al. Menstruation and the Cycle of Poverty: A Cluster Quasi-Randomised Control Trial of Sanitary Pad and Puberty Education Provision in Uganda. **PLoS One**, p. e0166122–e0166122, 2016.
24. MESSINGER, C. J. et al. Utilization of mobile phones for accessing menstrual regulation services among low-income women in Bangladesh: a qualitative analysis. **Reprod Health**, p. 7–7, 2017.
25. ALAM, M.-U. et al. Menstrual hygiene management among Bangladeshi adolescent schoolgirls and risk factors affecting school absence: results from a cross-sectional survey. **BMJ Open**, p. e015508–e015508, 2017.